

Metodologia Projetual Na Identificação da Sintaxe Visual Da Obra Do Artista Popular Espedito Seleiro ¹

Smyrna Rodrigues JAMACARU²
Prof.^a Dr.^a Cláudia Teixeira MARINHO³
Universidade Federal do Ceará, Ceará, CE

RESUMO

O presente estudo visa observar a relevância da disciplina do Design Gráfico na apresentação e disseminação de conhecimentos de natureza visual e material, como os da arte popular e do artesanato. Para isso, analisa como a metodologia projetual atua no processo de identificação da sintaxe visual do conjunto da obra de um artista popular. Mais especificamente, se trata de uma abordagem da metodologia de projeto gráfico a partir da produção de caráter híbrido do artista-artesão Espedito Seleiro.

PALAVRAS-CHAVE: Design Gráfico; Metodologia Projetual; Livro-objeto; Sintaxe Visual; Arte Popular; Espedito Seleiro.

1 A SINTAXE VISUAL DE ESPEDITO SELEIRO

Neste artigo, pretendemos identificar uma sintaxe visual baseada na arte de Espedito Seleiro, conteúdo de natureza visual, a partir da análise de alguns aspectos do contexto cultural que o rodeia, das características técnicas que enxergamos em seu trabalho e de um recorte específico de sua produção.

Espedito Seleiro é um artista-artesão que trabalha com artesanato em couro desde os 8 anos de idade. Nascido no sertão dos Inhamuns e radicado na cidade do interior do Ceará, Nova Olinda, ainda trabalha e reside lá aos 74 anos. Quando o próprio nome do artista vem da profissão e torna a família referência na atividade, sabe-se que a história é longa. O trabalho de Espedito Seleiro é fruto da tradição familiar. Dos antepassados, ele herdou o domínio técnico da lida com o couro: os segredos e modos de fazer do ofício, um artesanato cheio de processos e macetes da experiência de muitos anos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Recém-graduada do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, e-mail: smyrnajamaca@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Design do ICA-UFC, e-mail: marinhoclufc@gmail.com

Passado de geração a geração, por seus bisavô, avô e pai, uma família de seleiros, o ofício tradicional ganhou novos contornos nas mãos de Espedito, que já repassa os dotes para filhos e netos continuando a linhagem. Espedito Veloso de Carvalho é bisneto de Antônio Veloso de Carvalho, neto de Gonçalves Pinto de Carvalho, filho de Raimundo Pinto de Carvalho, conhecido como Raimundo Seleiro. Muitos dos filhos, sobrinhos e netos de ES já seguem a mesma tradição de trabalhar o couro. Em sua produção, ele utiliza, inclusive, alguns moldes e modelos antigos em novas peças, que, à época dos seus antepassados, não eram produzidas. A sandália do modelo do cangaceiro Lampião, por exemplo, foi resgatada por Espedito de moldes antigos do pai e caiu no gosto do público. Ele também fez uso dos moldes antes usados na confecção de selas antigas aplicando-os em bolsas e mochilas.

Entendemos que não se pode restringir a criatividade e as características da produção de um artista que continua produzindo e se reinventando dia a dia a um manual fechado de fazeres, mas trabalharemos num exercício metodológico de estudo da produção recente do artista-artesão como forma de explorar algumas de suas facetas que nos parecem mais evidentes.

Como forma de embasar nossos estudos, recorreremos aos escritos da autora Donis A. Dondis sobre Sintaxe Visual. De acordo com Dondis (2007), existe um modo visual que rege a composição e a compreensão de mensagens visuais a partir dos elementos da comunicação visual, das técnicas que regem as mensagens visuais e da percepção humana. Existe um pensamento visual, um modo visual, que é composto de informações, que de uma forma diversa da linguagem verbal, podem ser utilizadas para a composição de mensagens visuais de todos os tipos, funcionais ou do domínio da expressão artística. Esse modo visual pode ser traduzido pela forma, pelos elementos básicos da comunicação visual, expandindo a nossa capacidade de ver, para a de compreender uma mensagem visual e de, finalmente, criar mensagens capazes de comunicar. Expandir, enfim, a nossa capacidade de compartilhar significados, que, para além de nossa capacidade inata da visão, fazem parte do processo de comunicação. Reforçando esse fenômeno, então temos o domínio de uma sintaxe da linguagem visual, que resulta em uma melhor compreensão das mensagens visuais e em um caminho possível para o alfabetismo visual.

A sintaxe visual existe. Há linhas gerais para a criação de composições. Há elementos básicos que podem ser aprendidos e compreendidos por todos os estudiosos do meio de comunicação visual, sejam eles artistas ou não, e que podem ser usados, em conjunto com técnicas manipulativas, para a criação de mensagens visuais claras. O conhecimento de todos esses fatores pode levar a uma melhor compreensão das mensagens visuais. (DONDIS, 2007, p.18).

Para pensar esse modo visual, na oportunidade de identificar uma possível sintaxe visual da produção de ES, queremos trazer a ideia de sintaxe visual trabalhada por Dondis (2007) que expõe a inexistência de regras absolutas e, sim, um entendimento do que é gerado em termos de significado a partir da ordenação das partes da composição:

O processo de composição é o passo mais crucial na solução dos problemas visuais. Os resultados das decisões compositivas determinam o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador. É nessa etapa vital do processo criativo que o comunicador visual exerce o mais forte controle sobre seu trabalho e tem a maior oportunidade de expressar, em sua plenitude, o estado de espírito que a obra se destina a transmitir. O modo visual, porém, não oferece sistemas estruturais definitivos e absolutos. Não há regras absolutas: o que existe é um alto grau de compreensão do que vai acontecer em termos de significado, se fizermos determinadas ordenações das partes que nos permitam organizar e orquestrar os meios visuais. Muitos dos critérios para o entendimento do significado na forma visual, o potencial sintático da estrutura no alfabetismo visual, decorrem da investigação do processo da percepção humana. No contexto do alfabetismo visual, a sintaxe só pode significar a disposição ordenada de partes, deixando-nos com o problema de como abordar o processo de composição com inteligência e conhecimento de como as decisões compositivas irão afetar o resultado final. (DONDIS, 2007, p.16)

A partir dessa reflexão que apresenta o pensamento acerca do modo visual e da sintaxe visual ilustrada Dondis (2007), nos propomos a estabelecer relações entre a história de vida, os modos de fazer, as técnicas de composição e os elementos de comunicação visual utilizados nas criações de ES para encontrar um norte principal em sua produção artística.

O trabalho de Espedito Seleiro (ES) não é linear, assim como a construção de um processo criativo. É feito de uma junção de retalhos, peças e elementos de várias estéticas que permeiam o sertão. Traços de uma linha familiar que, ao mesmo tempo, é tradição e atualização. ES é o sertão reinventado sem deixar de ser sertão. É o sertão que

não parou no tempo, que é impactado pelo que acontece no mundo. É o sertão permeável, que deixa entrar o que lhe beneficia, mas não troca o seu pelo de ninguém.

Para entender melhor o seu trabalho, categorizamos a sua produção e justificamos a categorização embasando-a de acordo com os nossos diferentes métodos de pesquisa, observamos as características mais fortes presentes em seu trabalho e identificamos a forma que ele se utiliza dos elementos da comunicação visual, ainda que de forma intuitiva, para fazer a sua arte. Na sequência, conforme explanamos na metodologia de pesquisa, temos os procedimentos que utilizamos para identificar as características recorrentes no seu trabalho, categorizá-las e, posteriormente, apresentá-las, segundo os fundamentos da linguagem visual, nesse passo-a-passo que nos guiou durante toda a nossa pesquisa:

1. Pesquisa bibliográfica acerca da vida e produção artesanal de ES;
2. Pesquisa documental que resultou numa pesquisa *in loco* com visitas à cidade onde reside e ao seu local de trabalho como forma de recolher mais dados (fotografias, relatos, amostras de produtos) do trabalho e da história de ES;
3. Escolha de um recorte de sua obra na ocasião da exposição ESPEDITO SELEIRO: DA SELA À PASSARELA, realizada no período de 03 de abril a 21 de junho de 2013, em A CASA Museu do Objeto Brasileiro.
4. Separação das imagens do recorte em categorias de acordo com as características que identificamos na obra de ES.

A seguir iniciamos a apresentação de nossos estudos sobre a forma como Espedito Seleiro se expressa visualmente por meio de seus métodos e de características formais de sua obra.

1.3 Composição da Sintaxe Visual de Espedito Seleiro

Acreditamos que todo o reconhecimento creditado a sua obra se deve a esse estilo que ES conseguiu desenvolver a partir da união de uma série de características e elementos em seu trabalho. Aqui podemos citar e contextualizar algumas características de cunho formal, como também, identificar e ilustrar como ele se utiliza dos elementos fundamentais de programação visual em seu trabalho. Quem tem a oportunidade de ver

alguma peça de ES costuma reconhecer o seu trabalho à primeira vista. Seu artesanato em couro conseguiu ganhar a marca autoral do estilo do artista-artesão e possui atributos formais que costumam se repetir na maioria de suas criações. Citamos abaixo as principais características de cunho formal e técnico que identificamos em seu trabalho.

1.3.1 Uso de moldes em papel para reproduzir formas decorativas

Uma das características mais definidoras do trabalho de ES são os moldes que ele cria como base para suas criações. Alguns herdados do pai e do avô, pela tradição do ofício da família, os moldes que ES utiliza dão forma para as composições de arabescos e elementos ornamentais de sua arte.

Algumas peças são feitas por ES de pura memória, como a sela colorida, que ele também chama de cigana, que não precisa de molde para ser confeccionada, mas cujos desenhos serviram de molde para ornamentação de bolsas. O uso e a confecção desses moldes garantem também a reprodução de alguns modelos pelos aprendizes de ES.

Figura 1 Moldes de Espedito Seleiro riscados em papel



Fonte 1 Elaboração autoral

É a partir dos moldes, que estão sempre espalhados por todo o ateliê, que surgem os desenhos vasados que permitem as texturas e a profusão de cores nas composições. Como conta ES para Waldeck (2012):

A nova empreitada introduzia um novo elemento desconhecido dos tempos do pai: os moldes e modelos que são, de acordo com Espedito, “a ciência da arte”. “Se não souber fazer o molde, não faz nada. Só não existe molde para fazer, a montagem da sela, o resto, tudo tem. (...) Depois que eu fizer esse molde aqui, eu entrego para você e você faz (risos). Agora, o difícil é você fazer o molde. Você já vendo assim, é bem com facinho de fazer. (...) A arte é essa: é você inventar. Do jeito que está Esta sandália aí se amanhã eu quiser inventar outro modelo em cima desse, eu invento e faço, sem acabar com a origem dessa peça aí.” (WALDECK, 2012, p.19)

1.3.2 Composições equilibradas a partir de um eixo sentido (Uso de simetria e espelhamento nas composições)

Percebemos, como característica da produção de ES, uma preferência clara pelo equilíbrio e simetria nas composições, normalmente, em desenhos e ornamentos espelhados a partir de um eixo central.

Este atributo estilístico pode derivar, inclusive, da forma que são criados os moldes, uma vez que, ao se trabalhar com a criação dessas ferramentas, o espelhamento de um desenho criado acaba criando esse efeito de forma que, assim, se obtém um conforto visual maior na composição.

Figura 2 Molde simétrico



Fonte 2 Elaboração autoral

Figura 3 Bolsa simétrica



Fonte 3 www.acasa.org.br

A preferência por composições com alto nível de estabilidade advém de um processo natural nosso de interpretação visual pela busca do equilíbrio, como pontua Dondis (2007):

Na expressão ou interpretação visual, esse processo de estabilização impõe a todas as coisas vistas e planejadas um “eixo” vertical, com um referente horizontal secundário, os quais determinam, em conjunto, os fatores estruturais que medem o equilíbrio. Esse eixo visual também é chamado de eixo sentido,

que melhor expressa a presença invisível, mas preponderante do eixo no ato de ver. Trata-se de uma constante inconsciente. (DONDIS, 2007, p.50)

Uma das formas de se expressar esse equilíbrio é por meio das composições simétricas que tem formulações bem resolvidas, com base nesse eixo central, e transmitem composições lógicas e simples.

1.3.3 Uso de cores vibrantes e contraste de cores nas composições

Um dos fatores mais marcantes nas composições de ES, na identificação de uma mudança em sua forma de trabalhar, é o uso da cor em suas peças. Num primeiro momento de sua trajetória como artesão, ES utilizava mais o couro na cor natural com poucas variações como era de costume no ofício tradicional pelas dificuldades do tingimento artesanal do couro e da compra desse material tingido à época. No entanto, com o passar do tempo, a mudança gradativa no estilo para agregar vendas e as facilidades que o poder de compra de matéria-prima para sua confecção trouxeram, ES pode ousar mais na combinação das cores e tornou essa uma das características mais marcantes de seu trabalho. Waldeck (2012) fala dessa gradual modificação no trabalho de ES,

A cor é um elemento associado à inovação, aos moldes para esse novo repertório, e levou a família, com o tempo, a conquistar a confiança de fornecedores de matéria-prima em outros Estados, notadamente em Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, além da localidade de Juazeiro, para as encomendas. “As primeiras que fiz também não eram coloridas, não, eram de couro. (...) Esse pessoal mais sabido chama design, eu chamo desenho colorido. Bota uns nomes mais bonitos, mas eu chamo assim. (...) Eu aproveitei os desenhos das selas e botei nas sandálias e nas bolsas.” Em suas primeiras encomendas da sandália Lampião para Alemberg, e da bolsa de Violeta Arraes, ainda manteve as diferentes texturas de couro curtido. Sem especificar a fase, revela a progressiva introdução de diferentes tonalidades de couro. (WALDECK, 2012, p.27)

Figura 4 Alforje em couro natural e Capanguinhas Alforje em couro tingido



Fonte 4 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

1.3.4 Uso de formas advindas de outras estéticas como ornamentação

Como vimos anteriormente, nas manifestações culturais de referência para o trabalho de ES, ele faz uso de símbolos presentes na cultura do sertanejo, na vestimenta de cangaceiros e vaqueiros. Esses símbolos são formas, elementos básicos da comunicação visual, que fazem parte da ornamentação de suas peças e possuem um papel importante nas composições de ES. Estrelas, círculos, arabescos, são alguns dos elementos que compõe e caracterizam o seu trabalho.

Figura 5 Círculos, triângulos e estrelas presentes nos símbolos



Fonte 5 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

1.3.5 Uso de arabescos pespontados

Pela quantidade de peças, podemos perceber que a característica formal que mais se destaca no trabalho de ES é o uso de arabescos pespontados na ornamentação. Os arabescos e os pespontos são elementos característicos da produção artesanal em couro. Na produção de ES, eles estão presentes na maioria das peças e conferem movimento à composição ao guiarem o olhar pelos caminhos dos pespontos.

Figura 6 Linhas nos arabescos pespontados



Fonte 6 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

A partir da identificação dessas características formais, analisamos como se dá a utilização de cada um dos elementos básicos da comunicação visual no trabalho de ES. Dessa forma, decompomos o plano geral de sua produção em suas partes constitutivas para assim compreendermos melhor a estrutura de sua obra visual.

Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos, e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Por poucos que sejam, são a matéria-prima

de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre. (...) A utilização dos componentes visuais básicos como meio de conhecimento e compreensão tanto de categorias completas dos meios visuais quanto de obras individuais é um método excelente para explorar o sucesso potencial e consumado de sua expressão. (DONDIS, 2007, p.51)

1.3.5 Elementos básicos da comunicação visual

A partir da identificação dessas características formais, analisamos como se dá a utilização de cada um dos elementos básicos da comunicação visual no trabalho de ES. Dessa forma, decompomos o plano geral de sua produção em suas partes constitutivas para assim compreendermos melhor a estrutura de sua obra visual.

1.3.5.1 Ponto

Segundo Dondis (2007), o ponto é o menor e mais simples elemento na comunicação visual. Como afirma Dondis (2007), “o ponto, a unidade visual mínima, o indicador e marcador de espaço”. Trata-se de um elemento que provoca grande atração visual e tem a capacidade de guiar o olhar quando em movimento criando outro elemento da comunicação visual: a linha. No trabalho de ES, podemos perceber que ele utiliza com frequência o ponto em suas composições. Os pespontos nos arabescos, apesar de formarem linhas mais claramente, não passam de uma sequência de inúmeros pontos. Outra forma em que identificamos a utilização de pontos na composição é na presença de alguns dos vasados formados pelos arabescos e em detalhes como flores e estrelas que atraem imediatamente o olhar para pontos específicos do desenho.

Figura 7 Pontos ao longo dos arabescos e nos vasados da composição



Fonte 7 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

Figura 8 Flores funcionando como pontos de atenção na composição



Fonte 8 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

1.3.5.2 Linha

Lupton (2008) afirma que uma série de pontos forma uma linha. É a união de pontos que estão extremamente próximos; quanto mais próximos, maior a sensação de direcionamento que é dada na formação de uma linha. Segundo Dondis (2007), “a linha, é o articulador fluido e incansável da forma, seja na soltura vacilante do esboço seja na rigidez de um projeto técnico”. Esse elemento é trabalhado de várias formas na arte de ES e permite a observação de uma das características formais mais marcantes de seu trabalho: os pespontos, quando ligados pelo olhar, formam linhas que conduzem o olhar.

A presença de arabescos pespontados que vão dançando nas composições permite que o olhar percorra toda a peça.

Dessa maneira, contribui enormemente para o processo visual. Sua natureza linear e fluida reforça a liberdade de experimentação. Contudo, apesar de sua flexibilidade e liberdade, a linha não é vaga: é decisiva, tem propósito e direção, vai para algum lugar, faz algo de definitivo. (DONDIS, 2007, p.56)

Figura 9 Linhas nos arabescos pespontados



Fonte 9 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

1.3.5.3 Forma

As formas são criadas a partir da evolução de linhas, que articulam a complexidade das formas (DONDIS, 2007). As formas básicas são três: o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero. A partir da vinculação infinita dessas formas são criadas todas as formas da natureza e da criatividade humana.

Na produção de ES, vimos que ele utiliza símbolos como flores e estrelas e arabescos, que criam vasados coloridos e que percorrem a maioria de suas composições. Esses componentes são feitos a partir da evolução de linhas e criam formas ao longo de seus desenhos.

Figura 10 Forma básicas compondo outras formas em detalhes das composições



Fonte 10 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

1.3.5.4 Direção

Segundo Dondis (2007), a partir das formas básicas, quadrado, triângulo e círculo, três direções são expressas na linguagem visual: a direção horizontal-vertical, mesma do eixo sentido, que confere o equilíbrio que citamos anteriormente. A diagonal, expressa pelo triângulo, que confere instabilidade e sensação de desequilíbrio pela diferença de pesos nas composições. E a direção curva, que é fluida, circular, leva às repetições e à sensação de abrangência. Nas composições de ES, já relatamos a presença quase constante do eixo sentido em seus desenhos e das curvas sinuosas dos arabescos que muitas vezes nos direcionam o olhar em caminhos quase infinitos.

Figura 11 Representação das diferentes direções em três composições de Espedito



Fonte 11 <http://www.acasa.org.br/consulta/ESPEDITO+SELEIRO>

1.3.5.5 Cor

A cor tem um papel fundamental na composição visual a medida que é um dos elementos visuais que tem maior capacidade de expressar emoções e de atribuir significados simbólicos pela sua utilização. Segundo Dondis (2007), trata-se de uma das mais penetrantes experiências visuais. A cor oferece um vocabulário enorme e é de grande utilidade para o alfabetismo visual.

Como a percepção da cor é o mais emocional dos elementos específicos do processo visual, ela tem grande força e pode ser usada com muito proveito para expressar e intensificar a informação visual. A cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também

um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela vinculados (DONDIS, 2007, p.69).

Figura 12 Amostras de cores em couro e contraste de cores em uma peça



Fonte 12 Diário do Nordeste - Revista Siará, 2013

Por utilizar cores com saturação extremamente alta, ou seja, com uma pureza em relação ao cinza, ES tem grande apelo visual em suas composições. Ele recorre principalmente para as cores primárias e secundárias, seguindo uma característica notável de artistas populares expressa na repetição e constante utilização dessas cores. Como afirma Dondis,

A cor saturada é simples, quase primitiva, e foi sempre a preferida por artistas populares e pelas crianças. Não apresenta complicações, e é explícita e inequívoca; compõe-se dos matizes primários e secundários. (...) Quanto mais intensa ou saturada for a coloração de um objeto ou acontecimento visual, mais carregado estará de expressão e emoção (DONDIS, 2007, p.66).

1.3.5.6 Textura

Segundo Dondis (2007), a textura é o elemento visual que com frequência serve de substituto para as qualidades de outro sentido, o tato. ES mescla as texturas do couro dos animais quando trabalha com o couro natural e com o couro amaciado tratado com óleo de caroço de algodão. Ao fazer desenhos com vazados, a partir de seus moldes, cria texturas com a alternância dos espaços cheios e vazios. Outro fator visual que contribui para as ricas texturas que encontramos em seu trabalho é a presença das costuras aparentes e dos pespontos com tirinhas de couro com vasta variação de cores. Na pesquisa Espedito Seleiro, Da Sela à Passarela (WALDECK, 2012), a pesquisadora Guacira descreve como ES executa o trabalho com o couro para chegar aos relevos e texturas de sua produção:

Os desenhos em relevo no baú de estrutura de madeira, por exemplo, revestido de couro curtido, são feitos com compasso para fazer o contorno das flores, e com sinete, - instrumento que, diz, “a gente mesmo faz”: espécie de prego com uma das extremidades em forma de estrela, lua, meia lua ou ponta afiada de prego. De maneira análoga à técnica em tecido de matelassê, depois de fazer o molde do desenho em papel, risca-se com o compasso o desenho das flores. Em seguida, com golpes de martelo no sinete, cria-se o repicado, meia lua, estrela, lua, obtendo assim o relevo desejado na superfície lisa do couro. Explica que os

relevos podiam ser feitos a mão, nos tempos de vivência com o pai. Riscava-se a superfície do couro com instrumento pontiagudo feito com chifre, costurava-se o couro duplo, deixando passagem para preencher as flores com um “araminho” para inserir o algodão que a família colhia na região. (WALDECK, 2012, p.17).

Figura 13 Diferentes texturas criadas nas composições de Espedito



Fonte 13 Autoria própria

1.3.5.7 Figura | Fundo

As relações figura | fundo, para Lupton (2010), definem a percepção visual. São essas duas dimensões que inter-relacionam o espaço positivo e negativo na composição, uma vez que uma forma é sempre vista em relação ao que a circunda - o fundo - a separação dos elementos compositivos e o contraste entre eles permitem a sua distinção e conseqüente visualização. Segundo a autora, os artistas visuais têm a capacidade de moldar e ativar espaços ao redor e fundos em relação ao tema central, tornando as composições dinâmicas e ativas ao acrescentar energia visual às mesmas. Ela acrescenta ainda que existem, basicamente, três tipos de relação figura | fundo: estável, quando figura se destaca claramente de seu fundo; ambíguos, quando desafiam o espectador a encontrar um ponto focal. E, finalmente, reversível, quando elementos positivos e negativos atraem nossa atenção alternadamente, caso recorrente no trabalho de ES. Lupton afirma que “motivos reversíveis de figura | fundo podem ser encontrados em trabalhos de cerâmica, tapeçaria e artesanato de diferentes culturas ao redor do planeta”.

Vemos com frequência essa característica nas composições planas do trabalho de ES, à medida que ele utiliza seus moldes curvilíneos e vasados para sobrepor as camadas do couro. Ainda que tenha sobreposição de camadas, as peças de ES trazem um aspecto de planura, que elimina a aparência natural de dimensão, contribuindo para a alternância entra a visualização de figura e fundo. O traçado cheio de curvas é dinâmico e guia o olhar por suas linhas, ao mesmo tempo que enquadra as cores

vibrantes das camadas que sobrepõe. Existem também as composições ambíguas, em que figura e fundo desafiam o observador a encontrar um ponto focal.

Figura 14 Representação de composições reversíveis de figura | fundo



Fonte 14 Autoria própria

As técnicas visuais oferecem a quem cria variedades de meios de expressão visual do conteúdo. ES realiza seu trabalho e oferece composições com a atualização de práticas de seus antepassados revigorando aspectos da cultura local. Todas essas técnicas visuais que esmiuçamos são elementos essenciais para analisarmos o trabalho do artesão e nos oferecem uma compreensão maior da linguagem visual de ES.

Neste artigo, exploramos os modos de fazer, as técnicas visuais e os elementos de comunicação visual utilizados por ele em suas criações. A partir da sintaxe visual identificada, criamos o livro-objeto **esp(edito): Experimento Sensorial Projetual Gráfico**.

Figura 15 - esp(edito): Experimento Sensorial Projetual Gráfico



Fonte 15 Autoria própria

Figura 16 Detalhes das interatividades do livro-objeto



Fonte 16 Autoria própria

Nossa tentativa é a de nos valer da observação e análise do trabalho de um mestre da atividade artística em couro como referência para criação de um projeto que se propõe a extrapolar o conteúdo teórico para mostrar a materialidade do processo de criação no papel. O caminho engloba as coincidências entre a criação e a transposição de uma sintaxe visual para suportes de naturezas diferentes: o couro e o papel.

Essa escolha pela utilização dos saberes de um mestre da cultura popular na feitura de um projeto gráfico se deve à nossa visão da possibilidade de um diálogo entre cultura popular e design, na medida em que a cultura popular se configura como uma fonte de saberes, de referências visuais estéticas e de soluções criativas à atividade do Design, que já se vale da cultura popular. A abordagem de uma temática da cultura popular traz, além de uma gama de novos conhecimentos, a tentativa de nos aproximar desse contexto pertencente ao Cariri.

REFERÊNCIAS

DONDIS, D. A., & CAMARGO, J. L. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALDECK, G., **Espedito Seleiro: Da sela à passarela**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, IPHAN, Ministério da Cultura, 2012.

LUPTON, E., & PHILLIPS, J. C. **Novos Fundamentos do design**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.